

Observações Iniciais Sobre a Ocupação do Espaço Urbano em Aracaju Durante a Segunda Guerra Mundial^I

Caroline de Alencar Barbosa^{II}

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir de que maneira os espaços de sociabilidade de Aracaju foram utilizados pela população durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A partir do levantamento de fontes nos jornais sergipanos analisou-se de que maneira a guerra influenciou o cotidiano, principalmente após os torpedeamentos a navios mercantes brasileiros em agosto de 1942. Dessa forma, procuramos estabelecer relações entre a ocupação do espaço urbano no período e a percepção que os registros jornalísticos construíram dos locais que serão estudados. Percebemos a importância desse estudo para ampliar a historiografia referente à Segunda Guerra Mundial em Sergipe no que diz respeito ao cotidiano e os usos da cidade.

Palavras-chave: Sociabilidade, Segunda Guerra Mundial, Aracaju.

FIRST OBSERVATIONS ABOUT THE OCCUPATION OF URBAN SPACE IN ARACAJU DURING WORLD WAR II

ABSTRACT: This article aims to discuss how the spaces of sociability of Aracaju were used by the population during the period of World War II (1939-1945). From the sources of survey of Sergipe newspapers we analyzed how the war influenced the everyday, mainly after the attacks on merchant ships in august of 1942. This way, we seek to stabilize relations between the occupation of urban space on the period and the perception that journalistic records built the places that will be studied. We realize the importance of this study to enlarge the history of the World War II, in Sergipe in relation to daily life and the use of the city.

Keywords: Sociability, World War II, Aracaju.

Artigo recebido em 08/05/2015 e aceito em 17/06/2015.

O século XX foi marcado por diversos conflitos que influenciaram o cenário mundial. Guerras, ascensão dos fascismos, genocídios mudaram significativamente um período que prometia ser de avanços tecnológicos, científicos e de novas maneiras de perceber o mundo. Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e as imposições do Tratado de Versalhes^{III} a Alemanha, liderada por Adolf Hitler, encontrou formas de burlar suas imposições. Certo sentimento de revanchismo se caracterizou como um dos fatores que influenciaram a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), evento que redesenhou o mundo trazendo uma capacidade de destruição sem precedentes.

A Guerra produziu um grande contingente de mortos, resultados dos combates entre os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e Aliados (Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética), e aos campos de concentração concebidos graças à política nazista de destruição aos judeus, ciganos, opositores e prisioneiros de guerra, que Peter Gay denomina como o “outro conveniente” ou “inimigo objetivo”^{IV}, alguém que é apontado como culpado por problemas que atingem determinada sociedade, portanto, como uma ameaça a ser combatida com violência.

Nesse contexto, o Brasil também viu-se envolvido no conflito. Isso ocorre em 1942 quando a guerra chega a águas brasileiras. Em 16 de agosto de 1942, o submarino alemão U-507 atacou diversos navios mercantes brasileiros nos mares de Bahia e Sergipe. Entre os navios torpedeados estavam o Baependi, Anibal Benévolo e o Araraquara. Esses torpedeamentos promoveram uma experiência de guerra que não pertencia ao cotidiano de lugares como Sergipe;

“Primeiro chegaram malas, caixotes, fardos de algodão e lascas de madeira de algo que lembrava uma embarcação; mais tarde, cadáveres. A imagem de corpos de homens, mulheres e crianças boiando ou já estiradas nas areias brancas da praia perto da vila de Mosqueiro alarmou os habitantes das redondezas”.^V

A notícia oficial demorou a chegar, pois a imprensa necessitava da autorização do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para publicar notícias. O DIP “viu-se obrigado a protelar a notícia, de forma a evitar um pânico maior do que acabou sendo gerado”^{VI}, pois nesse contexto os jornais eram a principal fonte de informação sobre a Segunda Guerra Mundial.

Para os cidadãos a realidade vivida na Europa parecia distante e restrita às notícias e aos filmes exibidos nos cinemas, que se caracterizavam como outra forma de anunciar os principais acontecimentos acerca do conflito. Locais como, por exemplo, além de serem espaços de sociabilidade o *REX* e o *Rio Branco* promoviam exposições dos filmes e dos cine jornais como *A Voz do Mundo*, noticiários que eram apresentados antes das exposições das películas retratando as novidades sobre a guerra.

Vale ressaltar que um dos principais motivos para esta pesquisa reside no fato de que poucas cidades americanas sentiram tão de perto os efeitos destruidores da Segunda Guerra Mundial. “Depois de três anos de guerra no continente europeu, Aracaju vivia o fervor patriótico das manifestações populares contra os ataques a navios mercantes, em pleno litoral sergipano”.^{VII}

Além disso, há carência de trabalhos que contemplem o cotidiano de Aracaju, analisando como os cidadãos comuns encararam o conflito. Após perseguições a estrangeiros e ex-integralistas, protestos, saques aos corpos das vítimas dos torpedeamentos, racionamento de produtos básicos, notícias sobre a guerra que circulavam diariamente através dos meios de comunicação, a FEB (Força Expedicionária Brasileira) enviada para as batalhas na Europa, pretendemos analisar essa parte tão significativa da história sergipana considerando as minorias e o cotidiano como parte integrante nesse contexto.

Nesse sentido o foco deste estudo reside em um ponto que parece esquecido pela historiografia local: de que maneira as pessoas vivenciaram o cotidiano de guerra? Quais as formas que encontraram de não alterar suas rotinas frente às imposições das autoridades locais, que privavam os cidadãos em seu direito de ir e vir? Quais estratégias foram utilizadas? Questiona-se de que maneira um conflito de caráter mundial foi recebido por uma cidade pequena como Aracaju.

Partindo dessas problemáticas e da formulação de hipóteses orientadas pela leitura de uma bibliografia selecionada sobre o tema, além de teóricos da história que nos deram suporte metodológico para a produção do conhecimento historiográfico buscamos compreender como o cotidiano de Sergipe foi afetado pelo conflito analisando através das fontes de que forma os cidadãos sentiram os impactos da guerra e como a vida passou a se estruturar a partir daquele momento.

Após a delimitação do tema e do recorte temporal passamos para o levantamento da documentação necessária. Assim surgiu a pergunta: “onde encontrar documentação?”. Através da busca por fontes selecionamos os jornais da época, disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Logo, desenvolvemos a análise através dos jornais de circulação diária “Correio de Aracaju” e “Folha da Manhã” com enfoque nos anos de 1942 e 1943 buscando produzir uma síntese histórica através da imprensa.

Entendemos que para qualquer tipo de documento é preciso um estudo acerca do que ele trata e de como é constituído. Ao localizar essas fontes é necessário analisá-las interna e externamente de forma crítica. Estes são modos de chegar a conclusões sobre o momento histórico em que foram produzidas, permitindo assim a relação entre texto e contexto, uma “multiplicidade de competências”.^{VIII}

No processo de estudo das fontes consideramos o fato de que foram produzidas por homens inseridos em seu tempo e espaço. Estabelecendo as relações que elas assumem com esse local, percebemos que se trata de uma fala feita para um público determinado sendo registrada, no caso desta pesquisa, de forma escrita.

Com base na leitura de Michel de Certeau entendemos por cotidiano “aquilo que nos é dado cada dia, nos pressiona e nos oprime, pois existe uma opressão no presente”.^{IX} Nesse sentido procuramos entender como as pessoas encontraram maneiras de driblar esse controle social utilizando os espaços públicos como forma de “fugir” daquela realidade modificada pelo envolvimento do Brasil no conflito.

Segundo Certeau a população joga com esses mecanismos que promovem a disciplina por não concordarem com eles e com o objetivo de alterá-los, portanto “as táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas”.^X

Verificamos notícias referentes aos diversos torpedeamentos a navios mercantes brasileiros como, por exemplo, o torpedeamento do Olinda com a seguinte manchete “*Posto a pique outro navio brasileiro*”^{XI}. A população mostrava-se indignada em relação aos ataques:

“**Guerra defensiva.** O povo já estava reclamando. Os constantes torpedeamentos e afundamentos de navios brasileiros despertavam uma indignação que as passeatas e comícios, de intensa vibração, muito longe estavam de *expremir* convenientemente. Não estávamos em guerra, e a nossa soberania era atacada.”^{XII}

Mesmo após essa demonstração de insatisfação, os torpedeamentos não cessaram aumentando as tensões e pressões para uma declaração de guerra por parte do Brasil contra os países do Eixo. Notícias mostravam os novos ataques, desta vez aos navios Gonçalves Dias, além do Alegrete, pertencente ao Lloyd.^{XIII}

Além da inquietação ocasionada pelos frequentes ataques aos navios brasileiros é possível perceber através dos jornais a carestia pela qual a população aracajuana passava, com a alta no preço dos produtos de primeira necessidade sendo que por outro lado o salário permanecia estático. Percebemos que “a deflagração do conflito mundial comprometeu o abastecimento de produtos que chegavam à capital sergipana pela via marítima”^{XIV}, causando assim um aumento nos preços dos alimentos básicos da população como o pão, o leite, o café e até mesmo a carne do sol.

Cartas eram enviadas aos jornais como uma forma de alertar os abusos nos preços, além de demonstrar as dificuldades enfrentadas em tempos de guerra. Donas de casa apresentavam sua insatisfação em relação ao preço da carne, por exemplo, conforme notícia no Correio de Aracaju em 07 de janeiro de 1942:

“sobre a venda do fígado no mercado. Acontece que esse precioso alimento é vendido a kilos que não são pesados, embora se pague o pedaço estabelecido pelo comerciante como kilo e que, às vezes, pesa 700 ou 800 gramas, o preço do próprio kilo, 3\$600. Ainda ontem mandei ao mercado a minha empregada e esta trouxe, por meio kilo, um pedaço tão pequeno que fiz levá-lo ao armazém próximo para pesar, tendo dado o meio quilo, apenas 320 grs!.”

Ainda assim, apesar das dificuldades, a sociedade aracajuana continuava a realizar suas festas e utilizava os espaços urbanos em diversos momentos comemorativos como, por exemplo, o Carnaval conforme notícia:

“**Carnaval.** O lançamento da marcha “O meu Brasil”. Vem aí o carnaval e apesar da guerra, carestia e outras barbaridades, os foliões vão se animando. Os clubes já estão em organização, e todos querem que Mômô não passe em branco. Ainda sábado, às 18, 45, foi lançada pela Aperipê “O meu Brasil”, letra e musica de Carlos Alves. Guaracy Leite cantou, acompanhada pelo conjunto regional dos “Fuzarqueiros Árabes”, tendo a marcha de Carlos Alves e seus intérpretes obtido pleno sucesso.”^{XV}

Anunciando o lançamento de uma nova marcha de carnaval os jornais ressaltavam que apesar do clima de guerra e da carestia as festividades carnavalescas não podiam parar e os clubes seguiam a todo vapor com a sua organização. Da mesma maneira, percebe-se que apesar da tensão a preocupação com a manutenção da moral e dos bons costumes prevalecia, mostrando uma sociedade que zelava pela sua imagem e ordem. Uma portaria anunciada antes da realização do carnaval no ano de 1942 no “Correio de Aracaju” mostra atitudes que foram proibidas durante os dias de folia como, por exemplo, “*fantasias carnavalescas com símbolos patrióticos e também as bandeiras estrangeiras, bem como os símbolos da Cruz Vermelha.*”^{XVI}

Em clima de protesto as manchetes dos jornais sergipanos utilizavam termos da guerra para estimular os cidadãos a participarem da folia do carnaval. Utilizando o termo Blitzkrieg (guerra relâmpago) o Correio de Aracaju propõe um “ataque rápido” contra as tristezas proporcionadas pelo momento em um clima de igualdade e alegria.^{XVII}

Contudo, apesar do grande esforço na realização desses eventos e manutenção da rotina as notícias dos torpedeamentos e a constante ameaça da guerra resultaram em desânimo durante os dias de festa conforme anunciado em Fevereiro de 1942: “*Carnaval sem vibração. O que foram os dias de Mômô em Aracaju. Passou o carnaval. Ou melhor passaram os três dias em que a folhinha marcava Carnaval. Porque, em verdade, Mômô jamais teve em Aracaju comemorações tão frias.*”

Semelhante ao carnaval os festejos do São João sofreram com a carência de animação, sendo inclusive a carestia é apontada como um dos motivos. Afirmava-se que os fogos estavam tão caros que pareciam produtos de primeira necessidade.

Através dessas notícias conseguimos identificar alguns locais típicos de sociabilidade da época, onde se realizavam as festas voltadas ao público aracajuano. dentre eles temos a Associação Atlética, Cotinguiba Esporte Clube, Club Sportivo Sergipe, Lira Recreativa Santo Antonio, “Fuzarqueiros Arabes”, República S. Club, “Legionários de Sergipe”, que consistem em clubes e associações que proporcionavam festas dançantes, Jazz e a festa da chita durante o ano.

Além destes, as praças também se constituíam em espaços destinados ao lazer, incluindo o Carnaval, com desfiles que animavam os foliões e reuniam um grande contingente de pessoas. Na praça Tobias Barreto aconteciam as festividades natalinas. O espaço se transformava durante quinze dias a partir do dia 24 de dezembro. No parque Teófilo Dantas ocorria “Natal de Jesus”. Na Praça da Bandeira localizava-se o circo onde havia “sempre uma multidão de curiosos e de vendedoras de doces e de frutas, uma pequena feira movimentada e pitoresca”^{XVIII}

Havia ainda a praça Fausto Cardoso localizada em frente ao Palácio do Governo e à Assembleia Legislativa, um espaço “onde aos domingos e feriados, à tarde e à noite, ao som de música, ora da polícia, ora do exército, as moças e os rapazes faziam seus desfiles de elegância e futilidade.”^{XIX}

Deste modo, no que diz respeito ao cotidiano de Aracaju, apesar dos fatores relacionados à guerra incomodarem ela ainda permanecia distante. Essa realidade se modifica em 16 de agosto de 1942 quando diversos navios mercantes brasileiros, dentre eles o Baependi, Aníbal Benévolo e Araraquara foram torpedeados pelo submarino alemão U-507 nos mares de Bahia e Sergipe.

Corpos mutilados de homens, mulheres e crianças e restos de carga dos navios torpedeados chegavam às praias de Aracaju causando medo e promovendo episódios como os saques aos corpos das vítimas. Seguido a esse fato um clima de insegurança e insatisfação invadiu a cidade de Aracaju, alguns encararam a notícia com tensão, outros saíram às ruas em protesto exigindo uma posição do governo em relação ao conflito.^{XX}

O cotidiano de Aracaju é alterado a partir desse fato, considerado o estopim para o rompimento das relações do Brasil com o Eixo. Os jornais divulgavam que a polícia passaria a investigar as atividades subversivas e promover a prisão de suspeitos, acusados de ligação com as potências do Eixo e de ajudarem os alemães no ataque aos navios mercantes brasileiros, repassando informações privilegiadas do Brasil, dentre eles estavam estrangeiros e ex-integralistas declarados conhecidos como Quinta Coluna. As notícias anunciavam que “o povo deve estar alerta contra as denúncias infundadas. Essa é uma das modalidades de ação da Quinta Coluna, afim de cavar a desconfiança e a discórdia entre todos.”^{XXI}

Após a deflagração do conflito Aracaju viu-se rodeada de eventos que fugiam à realidade de uma cidade pequena e pacata como o aumento na dificuldade em obter gêneros alimentícios, as censuras feitas pela polícia com a proibição de qualquer tipo de jogo, batidas nas casas de jogos, toques de recolher, blackouts e vigilância constante. Além disso, a cidade enfrentou os treinamentos de defesa antiaérea iniciados em 1943.

Apesar desses fatos e do clima proporcionado pela guerra, pouco depois, a população aracajuana continuava a realizar suas atividades dedicadas ao lazer. As festas de Natal aconteceram, por exemplo, na Praça Tobias Barreto conforme descreveu o jornal Folha da Manhã em 26 de dezembro de 1942, o repórter “encontrou uma azafama doida, toda gente a

postos, uns construindo barracas, outros armando bazares e ainda outros despondo mesas envernizadas para as tradicionais diversões”.

A manutenção das festas de Carnaval, São João e bailes também foram observadas: “**Associação Atlética de Sergipe. Grande Sarau Dansante no próximo dia 24, às 21 horas.**”^{XXII}; “**O festival ontem no Rio Branco. Grande sucesso da “Banda Feminina**”^{XXIII}; “**Associação Atlética de Sergipe. Festas de S. João e S. Pedro**”^{XXIV}; “**Noitada Joanina nos “Legionários de Sergipe**”^{XXV}.

Ao analisarmos essas notas nos jornais sergipanos percebemos de forma a população aracajuana organizava seus eventos sociais após o episódio dos torpedeamentos. Dessa maneira a pesquisa conseguiu perceber através dos registros jornalísticos de que maneira as pessoas se movimentavam na cidade de Aracaju durante o período da Segunda Guerra Mundial. Abordamos alguns dos principais locais onde esses eventos ocorriam e como a população se apropriava desses espaços.

Concluimos que os cidadãos aracajuanos não se limitaram com clima da guerra e continuaram a organizar suas festas religiosas, seus eventos esportivos e suas festividades típicas. Apesar do clima de guerra, do salário estático enquanto o preço dos produtos de primeira ordem subia incontrolavelmente, a gasolina era racionada e até o preço do papel para a imprensa aumentava as pessoas não deixaram de lado suas atividades sociais, driblando a ordem estabelecida e tentando conviver com aquela nova realidade.

Notas

^I Trabalho apoiado pelo projeto “Quando a Guerra chegou ao Brasil: Ataques submarinos e memórias nos mares de Sergipe e Bahia (1942-1945)”, Edital Universal CNPq 2014.

^{II} Graduanda em História na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). Bolsista Cnpq do projeto [Quando a guerra chegou ao Brasil: ataques submarinos e memórias nos mares de Sergipe e Bahia \(1942-1945\)](#). Apoio dos projetos Memórias da Segunda Guerra em Sergipe (Pronem, FAPITEC/CNPq) e Quando a Guerra chegou ao Brasil: a submarinos e memórias mares de Sergipe e Bahia (1942-1945), (Edital Universal 2014/CNPq). E-mail: caroline@gettempo.org. Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

^{III} Tratado assinado em Versalhes, na França, após o término da Primeira Guerra Mundial onde a Alemanha assumia a “culpa pela guerra”. Esse tratado que impôs aos alemães diversas limitações, além do pagamento de indenizações contribuiu para o ressentimento alemão que culminou no apoio ao “extremismo político” (JORDAN, p.10).

^{IV} SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Enciclopédia de guerras e revoluções: vol II: 1919-1945: a época dos fascismos, das ditaduras e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).**/ Francisco Silva. 1º Ed.- Rio de Janeiro: Elsevier, 2015 p.96.

^V SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas.** - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p.9.

^{VI} ASSIS, Raquel Anne; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O fim do mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942.** Navigator, Subsídios Para a História Marítima do Brasil. (ISSN:01001248) Rio de Janeiro, 2013.p.62.

^{VII} CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Memória de uma cidade sitiada (1942-1945).** Aracaju, 1999, p.23.

^{VIII} BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.81.

^{IX} CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Petrópolis, Vozes, 1994, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves], p. 31.

^X IDEM p.45.

^{XI} (Correio de Aracaju 20-02-1942).

^{XII} (Correio de Aracaju 01-06-1942)

^{XIII} O Lloyd Brasileiro foi criado através de um contrato firmado entre o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, tendo por finalidades a junção das companhias de navegação subvencionadas pelo Estado

Brasileiro, auxiliar na defesa marítima do Brasil e conversar pessoal marítimo apto para o serviço de guerra. Disponível em: http://www.an.gov.br/sian/Multinivel/Exibe_Pesquisa.asp?v_CodReferencia_ID=997545

^{xiv} MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A Batalha Doméstica: Conflitos entre Patrões e Empregadas Durante a Segunda Guerra Mundial**. In. Visões do Mundo Contemporâneo. org. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. - v. 1. - São Paulo: LP-Books, p. 125.

^{xv} Correio de Aracaju 12-01-1942

^{xvi} (Correio de Aracaju 11-02-1942)

^{xvii} (Correio de Aracaju 14-02-1942).

^{xviii} CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955, p.52.

^{xix} IDEM p.275

^{xx} ASSIS, Raquel Anne; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O fim do mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942**. Navigator, Subsídios Para a História Marítima do Brasil. (ISSN:01001248) Rio de Janeiro, 2013, p.65

^{xxi} Folha da Manhã 28-08-1942

^{xxii} (Correio de Aracaju 14-04-1943)

^{xxiii} (Correio de Aracaju 04-05-1943)

^{xxiv} (Correio de Aracaju 23-06-1943)

^{xxv} (Correio de Aracaju 25-06-1943)

Referências Bibliográficas

ASSIS, Raquel Anne; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O fim do mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942**. Navigator, Subsídios Para a História Marítima do Brasil. (ISSN:01001248) Rio de Janeiro, 2013.p.59-68

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves]

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Memória de uma cidade sitiada (1942-1945)**. Aracaju, 1999.

JORDAN, David. **História da Segunda Guerra Mundial- A maior e mais importante guerra de todos os tempos**. 2011- São Paulo- M.Books do Brasil Editora Ltda.

LUCA, Tânia Regina de,. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In. Fontes históricas. org. PINSKY, Carla Bassanezi. - São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-153.

MAYNARD, Dilton Cândido S. **O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial**. In: Silva, Francisco C., SCHURSTER, Karl. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.p.509-535.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A Batalha Doméstica: Conflitos entre Patrões e Empregadas Durante a Segunda Guerra Mundial**. In. Visões do Mundo Contemporâneo. org. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. - v. 1. - São Paulo: LP-Books. p. 123-145.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas.** - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Enciclopédia de guerras e revoluções: vol II: 1919-1945: a época dos fascismos, das ditaduras e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).**/ Francisco Silva. 1º Ed.- Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio à Castelo. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.